

NARRATIVAS MITOLÓGICAS E TRADIÇÕES JUDAICAS: O MITO DO JUDEU ERRANTE NA POESIA DE VINICIUS DE MORAES

MYTHOLOGICAL NARRATIVES AND JEWISH TRADITIONS: THE MYTH OF THE WANDERING JEW IN VINICIUS DE MORAES' POETRY

Kenia Maria de Almeida Pereira¹

RESUMO

Há poucos estudos sobre a primeira fase metafísica do autor Vinicius de Moraes. Percebe-se, no entanto, que, neste período, o poeta se debruçou sobre alguns elementos mítico-simbólicos relacionados às tradições judaico-cristãs, ainda pouco estudadas e conhecidas no meio acadêmico. Diante destas considerações, este artigo tem como principal objetivo comentar o poema *Judeu Errante*, do poeta Vinicius de Moraes, presente em seu primeiro livro, intitulado *O caminho para a distância*, publicado em 1933.

PALAVRAS-CHAVE

Vinicius de Moraes; mito; Judeu Errante; poesia

ABSTRACT

There are few studies about the first metaphysical phase of the author Vinicius de Moraes. It can be noted, however, that, in this period, the author was inclined to some mythic-symbolic elements related to the jewish-christian traditions, which are still little studied and known in the academic field. Before these considerations, this article aims especially to comment the poem *Judeu*

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela UNESP/SP. Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia-MG. Participa do Programa de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia-MG.
kenia@triang.com.br

Errante (Wandering Jew), by the poet Vinicius de Moraes, present in his first book, *O caminho para a distância*, published in 1933.

KEYWORDS

Vinicius de Moraes; myth; Wandering Jew; poetry

Vinicius de Moraes é mais conhecido pela sua poesia social e erótica, pelas canções de encontros e desencontros amorosos, ou ainda por ser o cantor das belas mulheres e dos desejos finitos. No entanto, sabemos que Vinicius é um poeta-plural que transitou pelo teatro, pelo cinema, pela música popular brasileira, pela poesia metafísica, pela crônica social. A sua primeira fase, por exemplo, como poeta metafísico-simbólico, é ainda pouco pesquisada e compreendida. Seu livro de estreia, *O caminho para a distância*, publicado em 1933, é quase desconhecido e praticamente ignorado na academia. São poucas as dissertações e teses que procuram analisar com mais densidade este período inicial do nosso popular “poetinha”. Assim, tem razão Ivan Junqueira, quando afirma que, embora Vinicius tenha cultivado “uma vertente lírica dentro da qual são poucos, ou muito poucos, os que dele lograram se aproximar”, é preocupante pensar que até hoje a academia não lhe fez “a devida justiça”. (JUNQUEIRA, 2004, p. 147).

Apoiado pelos amigos Otávio de Faria e Augusto Frederico Schmidt, *O caminho para a distância* foi publicado quando Vinicius tinha apenas vinte anos. Muito embora a pouca idade do autor, nesta obra já se poderia entrever, através do véu das metáforas místicas, as primeiras sementes daquele poeta que seria um dos responsáveis “por uma das mais sólidas construções líricas da nossa poesia” (PORTELLA, 2004, p. 144) e que, mais tarde, também, revigoraria a MPB.

Para Alfredo Bosi (1993, p. 513-514) estas primeiras rimas de Vinicius “foram escritas sob o signo da religiosidade neo-simbolista que marcou o roteiro de Schmidt”. Eucanaã Ferraz (2004, p. 16), por sua vez, observa que a primeira fase de Vinicius está pautada pela “compreensão místico-romântica do real”. De fato, *O caminho para a distância* vai refletir este momento em que o imaginário de Vinicius estará voltado para a espiritualidade, para o sentimento do sagrado, fazendo com que nosso poetinha molde seus versos no simbolismo judaico-cristão.

Composto por quarenta poemas, vários deles com títulos alegórico-religiosos como *Místico*, *Purificação*, *Sacrifício*, *O bom pastor*, *O vale do paraíso*, *O caminho para a distância* apresenta um arcabouço poético estruturado em extensos versos, também chamados de versetos, inspirados em Paul Claudel. São versos longos, sem rimas, ritmos bíblicos, que exigem fôlego do leitor para acompanhar o poeta nesta caminhada de principiantes, como se pode observar nesta estrofe do poema *O vale do Paraíso*:

A sineta tocará matinas e a presença de Deus não permitirá a
Ave-Maria
Apenas a poesia estará nas ramadas que entram pela porta
E a água estará fria e todos correrão pela grama
E o pão estará fresco e os olhos estarão satisfeitos
Eu irei, será como sempre, nunca o silêncio sem remédio das
insônias
(MORAES, 2004, p. 201).

Para Juliana Santos (2007, p. 29), por exemplo, este estilo de versos longos empresta “as modulações necessárias para a produção de uma poesia que procura estabelecer o questionamento acerca do plano divino, do destino do homem e do sentido de nossa precária existência”. Mas, se a maioria dos poemas desta primeira safra é extenso, sem rimas, amparado nas metáforas transcendentais, Vinicius também não deixou de fazer alguns sonetos. São apenas três poemas apresentados nesta forma de composição poética: *Introspecção*, *Revolta* e *Judeu Errante*, mas que já anunciam o autor que iria

um dia revigorar o soneto, dando-lhe novo impulso e novo tom. Para Renata Pallotini (2004, p. 132) Vinicius demonstra “o privilégio de ser o reabilitador do soneto, nos quadros da poesia brasileira contemporânea”.

Assim, temos um livro em que se mesclam sonetos e versetos à moda bíblica, além de questionamentos existenciais e versos metafísicos. De tudo isto, interessa-nos em *O caminho para a distância*, centrarmos-nos principalmente na leitura e análise de *Judeu Errante*. Se Vinicius foi um grande re-criador do soneto no Brasil, também não deixa de ser verdade que ele deu nova roupagem aos mitos gregos e judaico-cristãos, basta citarmos a *Legião dos Úrias*, *A Arca de Noé*, *Ariana* e *Orfeu da Conceição*. Este último, aliás, é uma das mais expressivas releituras teatrais do mito grego de Orfeu.

Se em *Orfeu da Conceição* Vinicius transporta o par grego-mítico Orfeu e Eurídice para uma favela no Rio de Janeiro da década de 1950, em *Ariana, a mulher*, a filha do Rei de Creta e amante de Teseu é reinventada como musa inatingível e contemplativa do poetinha:

A liberdade das lianas prisioneiras,
a serenidade das quedas se empenhando
E mais do que nunca o nome da Amada me veio e eu
murmurei o apelo
- Eu te amo, Ariana! (MORAES, 2004, p. 248).

Em *Legião dos Úrias*, o poeta elabora visões sombrias e apocalípticas do simbólico e trágico Úrias, soldado do exército do Rei David, que morreu em luta sangrenta contra os amonitas. Vinicius reconstrói as almas penadas de seus cavaleiros, prisioneiros da lua, que saem das sombras para destroçar as virgens e assombrar os solitários:

E desde então nas noites claras eles aparecem
Sobre os cavalos lívidos que conhecem todos os caminhos
E vão pelas fazendas arrancando o sexo das meninas e das
mães sozinhas. (MORAES, 2004, p. 221).

Talvez tenha sido Antonio Candido (2004, p. 121) quem melhor traduziu esta poesia de Vinicius em busca do mito, quando o crítico observa que, se o poeta se “apega às coisas pequenas e humildes, logo lhes dá uma gravidade que não vem do tom, mas da estrutura latente de paradoxo que enforma sua poesia”. Aliás, este paradoxo latente, apontado por Antonio Candido, pode ser notado no soneto *Judeu Errante*. Nele, Vinicius evoca uma das mais importantes e conhecidas narrativas tradicionais da mitologia judaico-cristã: a lenda de Ahasverus. Vamos ao poema:

Hei de seguir eternamente a estrada
Que há tanto tempo venho já seguindo
Sem me importar com a noite que vem vindo
Como uma pavorosa alma penada

Sem fé na redenção, sem crença em nada
Fugitivo que a dor vem perseguindo
Busco eu também a paz onde, sorrindo
Será também minha alma uma alvorada

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...
Ninguém sabe onde fica... Certo, dista
Muitas e muitas léguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fora
Pela ilusão de procurar a aurora
Sofrendo a dor de caminhar sozinho

(MORAES, 2004, p. 200).

Este soneto é um dos últimos poemas que compõem a obra *O caminho para a distância*. Desde o primeiro poema intitulado *Místico* até o último *A grande voz* o que se percebe é um eu poético que se identifica com o destino errático do andarilho Ahasverus. O eu poético relata sua longa e angustiante caminhada sem destino em busca tanto da compreensão da sua própria existência como uma interpretação para a infeliz natureza humana. Durante essa travessia ele narra sua *via crucis*, seu horror ao isolamento, à sedução da serpente, ao desejo da carne, ao castigo divino. Tal qual Ahasverus, o poeta caminha “sozinho, inconsolável, desesperado, sofrendo como só os

amaldiçoados sofrem , vendo o dia passar milhões de vezes, sem que chegue a aurora prometida” (FARIA, 2004, p. 74).

Durante a leitura desta obra, o leitor fica impregnado dos murmúrios do Judeu Errante que circula “eternamente” e “sozinho” como “alma penada”, deixando seus rastros pelas estrofes dos versetos e dos sonetos, comprovando a antiga lenda do sapateiro amaldiçoado por Cristo. Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, dá notícias de Ahasverus, também cognominado Assuero, um sapateiro de Jerusalém, que ao ver Cristo passar com a cruz, em frente a sua casa, maltrata-o com xingamentos e empurrões. Jesus amaldiçoa Ahasverus, condenando-o a andar infinitamente pelo mundo, “liberto da lei da morte, sem pressa e sem descanso”. (CASCUDO, 1988, p. 418). Já o *Dicionário de mitos e tradições Judaicas*, de Allan Unterman, complementa a lenda, observando que ela “tem afinidades com a do bíblico Caim, que se tornou errante como castigo por seu pecado, e na mente cristã simboliza a condição do povo judeu”. (UNTERMAN, 1992, p. 140).

Estamos, portanto, diante de uma figura dialética e contraditória. Se para a maioria dos homens seria um prêmio caminhar pelo mundo afora, viajando por todos os continentes do mundo sem jamais conhecer a morte, para Ahasverus essa imortalidade e deslocamentos infinitos resultaram em um insuportável castigo. Para Marie-France Rouart (1997, p. 665), por exemplo, o Judeu Errante, por sua condição movediça, está condenado a não estabelecer laços afetivos nem conhecer a “afeição humana e (isso) faz com que ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer”. Ahasverus está, portanto, condenado à solidão. Tal qual Caim e Prometeu, sua miséria espiritual está atrelada ao castigo de insurgir-se contra uma divindade. Daí o motivo dele caminhar “Sem fé na redenção / sem crença em nada”.

Ironicamente, se o Judeu Errante caminha indiferente e sem medo da escuridão ou “Sem se importar com a noite que vem vindo”, não era bem assim

que ele era visto na Idade Média, principalmente no século XIV, quando esta lenda criou força e se espalhou de boca em boca. Imaginar passar o Judeu Errante, na escuridão da noite, com um saco às costas, era motivo de pavor e histeria coletiva. Geralmente, os cristãos não ficavam indiferentes a este ser pecador, peregrino e vagabundo. Unterman (1992, p. 140) observa que a aparição de Ahasverus “era considerada precursora de alguma catástrofe natural”. Jean Delumeau, por exemplo, comenta que nas pequenas aldeias da Europa medieval os judeus andarilhos eram tidos como “os propagadores da Peste Negra, envenenadores das águas bebidas pelos cristãos”. (DELUMEAU, 1993, p. 279). Eram hostilizados por onde passavam e tidos também como o “estrangeiro incompreensível e obstinado em uma religião, dos comportamentos, de um estilo de vida diferentes daqueles da comunidade que os recebe”. (DELUMEAU, 1989, p. 279).

A lenda sobre Assuero ajudará a promover, também, no Renascimento, a intensidade do ódio racial contra os judeus, além de alimentar, na Europa, discursos antissemitas, principalmente no período da Santa Inquisição, o que resultará em fuga de grande parte da população judaica para os trópicos. Sabemos que foram centenas de cristãos-novos portugueses e espanhóis que, fugindo dos rigores do Santo Ofício, vieram para o Brasil Colônia em busca de paz e de liberdade de expressão. Esse êxodo, no entanto, nem sempre se revelava promissor, uma vez que, também, o longo braço da Igreja alcançou-os na Terra de Vera Cruz.

Anita Novinsky (2002, p. 23) relata, por exemplo, que em 1646, foi realizado na “Bahia, no Colégio da Companhia de Jesus, uma Grande Inquisição, sob ordem dos inquisidores, que revelou a existência de uma sociedade subterrânea. Foram denunciados 77 judaizantes, 18 somítigos e 18 feiticeiros”.

Assim, Ahasverus traz o estigma do maldito, do excluído, nos versos de Vinicius de Moraes o “amaldiçoado” aparece caminhando em busca de sossego ou “Caminha eternamente”, “buscando a paz”. Mas, onde encontrá-la?

É provável que Vinicius de Moraes tenha bebido em duas importantes fontes para a construção de seu Judeu Errante. Uma delas teria sido a tradição erudita, a outra, a cultura popular. A tradição erudita estaria calcada nas leituras que o poeta fez de Machado de Assis, Castro Alves e Fagundes Varela. Machado escreveu *Viver*, um diálogo imaginário entre Ahasverus e Prometeu. Castro Alves, por sua vez, criou o intrigante poema *Ahasverus e o gênio*, em que este andarilho é também marcado pela solidão. Já Fagundes Varela dá voz à natureza: prados, montes e florestas gritam para que Assuero caminhe sem descanso, sem perdão.

Já no que tange às fontes populares, o provável diálogo intertextual mantido por Vinicius estaria ancorado em supostas leituras de livretos de cordéis, os quais trazem o sapateiro Assuero como figura de centro. Jerusa Pires Ferreira, em interessante estudo sobre esta personagem na literatura de cordel, observa que são centenas os livretos das feiras nordestinas, que, desde o século XIX, trazem este lendário andarilho, que é retomado dos textos europeus, como por exemplo, *O Judeu Errante*, de Severino Borges, *A vida do Judeu Errante*, de Manoel Apolinário Pereira, *O filho do Judeu*, de Delarme Monteiro da Silva. Em geral, a leitura destes livrinhos é um recurso de conversão ao cristianismo, na medida em que se atrela a imagem do “judeu errante ao Anti-Cristo e trata-se de fazê-lo maldito, a qualquer custo”. (FERREIRA, 2000, p. 4).

Assim, embebido pelas tradições acadêmicas e populares, Vinicius nos apresenta a Assuero, ou o “Fugitivo que a dor vem perseguindo”. Interessante observarmos que “Fuga” e “Perseguição” são os dois verbetes sobre os quais o poeta traça a desventura do Judeu Errante. “Fuga” e “Perseguição” são

também para os hebreus sinônimo de diáspora. Não se pode esquecer que *O caminho para a distância* foi publicado em 1933, ano em que Hitler chega ao poder na Alemanha e é criado o primeiro Campo de Concentração Nazista em Dachau: é o início de uma nova diáspora para os judeus. Se no período do reinado da Inquisição, como apontamos antes, centenas de cristãos-novos, fugindo à conversão forçada ou à morte na fogueira, atravessaram o oceano e vieram para a América Latina, em especial para o Brasil, novamente a história se repete. Milhares deles, fugindo agora às atrocidades do Terceiro Reich tentam desesperadamente obter passaportes para a América, principalmente para os Estados Unidos e o Brasil. Infelizmente, como aponta Tucci Carneiro (1995, p.486), conseguir “um visto para migrar envolvia dinheiro, tempo, relacionamento político, influências e paciência”. Assim, muitos deles não tiveram a sorte de desembarcar em cais brasileiro. Entre 1933 a 1945, como aponta Tucci, reabilita-se a figura do Judeu Errante. Expulsos da Alemanha e indesejados no Brasil, eles passam novamente a ser considerados sinônimos do mal absoluto e sem direito à cidadania. Para Tucci Carneiro (2003, p. 129) a “imagem do Judeu Errante pode ser considerada como uma das representações mais expressivas articulada pelo antissemitismo político durante o governo Vargas”.

Já para Vinicius de Moraes, o que move o Judeu Errante é a “ilusão de procurar a aurora” e um dia encontrá-la, mas onde? Onde estaria a luz para quem foi condenado às trevas? Os lamentos do Judeu Errante ecoam também das estrofes dos demais poemas que compõem *O caminho para a distância*. Toda a leitura do livro se aglutina nos murmúrios deste poeta principiante que se identifica com a tragédia de Ahasverus. Versos como “Eu vi que o caminho se ia afastando da minha vista”; “Eu continuo à beira do caminho / vendo a luz do infinito”; “Eu gretei / de horror eu gritei que a perdição me possuía a alma”; “Eu penetrei o atalho, na floresta”; “É terrível, senhor! Desce teus olhos / as almas sãs clamam a tua misericórdia”, semeados por vários poemas, indicam uma tentativa do poeta de emprestar coesão a este seu primeiro livro,

entrelaçando todas as demais poesias do livro ao soneto *Judeu Errante*. Assim, tem razão Otávio de Faria ao comentar que *O caminho para a distância*

é o que se pode chamar um livro vivo, quente, humano, ele o é pela razão fundamental de que, por detrás de cada uma de suas poesias, das melhores como das piores, há um poeta vivendo (e vivendo de um modo especialmente intenso) a sua estranha aventura de sombra e luz (FARIA, 2004, p. 74).

Esta identificação do poeta Vinicius com a figura movediça do Judeu Errante vem ao encontro daquilo que Fernando Pessoa, na pele de Álvaro de Campos, dizia: o poeta é “estrangeiro aqui como em toda a parte”. E, também, o problema do escrever, como aponta Deleuze (2011, p. 9), é que o escritor “inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira”. O poeta é assim um ser, de início, marginal, periférico por excelência, errante entre os homens e entre as palavras. Daí o murmúrio do poeta-Assuero-Vinicius: Caminhar sempre “como uma pavorosa alma penada”.

A trajetória poética de Vinicius se revela, assim, desde o início, como uma peregrinação extensa e múltipla. Se, no início de sua carreira, ele namora o misticismo e a metafísica simbólica como vimos em *O caminho para a distância*, em seguida irá flertar com as metáforas do amor sensual e erótico: é a hora e a vez do poeta da paixão. Aliás, Alfredo Bosi (1993, p. 514) comenta que Vinicius será talvez, “depois de Bandeira, o mais intenso poeta erótico da poesia brasileira moderna”. Poemas como *Soneto do amor total*, *Soneto de Fidelidade*, *Soneto da mulher ao sol*, já fazem parte do imaginário da poesia brasileira. No entanto, não podemos esquecer, como bem aponta Rosana Silva, que

a poesia futura de Vinicius de Moraes não ficou livre do idealismo romântico que nasceu em sua fase religiosa. O inquietante desejo de união ao Eterno se refletiu mais tarde no lirismo amoroso, na perquirição de um amor ideal ou da mulher ideal ou no deslumbramento pelo que não se exaure, que permanece até no mais fugaz dos instantes ou na mais breve das paixões. A força motriz de seu lirismo pode ser encontrada

nessa sublimação do instante poético que consegue eternizar o finito e valorizar a banalidade do sentimento humano (SILVA, 2005, p. 88).

Assim, esta “força motriz” e inquietante de seu lirismo, apontada por Rosana Silva, levará Vinicius a uma terceira etapa poética: a poesia político-social e de denúncia. É neste momento que nascem excelentes poemas presentes em *Antologia poética* (1949), no qual notamos um poeta que transitou do erótico para o político, sem deixar de ser lírico. Poesias como *Balada dos mortos dos campos de concentração*, *A Bomba atômica*, *A Rosa de Hiroxima*, são alguns exemplos de composições poético-políticas que marcaram tanto a denúncia como a revolta de Vinicius com as trágicas consequências da Segunda Guerra Mundial.

Berta Waldman (WALDMAN, 2003, p. 98), ao estudar o mito do Judeu Errante nos textos do hebreu Samuel Rawet, comenta que Ahasverus e Rawet formam um território único, “fundindo um no outro através da palavra”. Talvez, possamos dizer o mesmo para o poeta Vinicius de Moraes, que, mesmo não sendo judeu, demonstra, na sua condição de poeta moderno, plural, ambíguo: amado pelo povo, ignorado na academia, cantor de MPB e diplomata, católico e macumbeiro, comunista, maldito, amante, jornalista, diplomata, boêmio inveterado, nove vezes marido, a sua alma de Ahasverus, de desterritorializado e de não-pertencimento. Não se pode esquecer que o biógrafo de Vinicius, José Castelo (2005, p. 155), classifica seu biografado como o “um homem de muitas faces” ou o poeta das “máscaras” e também o “poeta-cigano”. Daí a importância de debruçarmos um pouco mais sobre esta primeira fase de Vinicius, seus primeiros sussurros poéticos, nos quais encontramos a base inicial que moldou o excepcional sonetista da MPB. Saber ouvir o que o poeta-Ahasverus tem a nos dizer, durante seu longo e complexo *Caminho para a distância*, é entrar em contato com uma das muitas máscaras deste Assuero cigano.

Bibliografia

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.

CANDIDO, Antonio. Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp. 120-122.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo na Era Vargas - (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O veneno da serpente*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo, USP, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FARIA, Otávio de. A transfiguração da montanha. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp. 73-81.

FERRAZ, Eucanaã. Nota editorial. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp. 13-21.

FERREIRA, Jerusa Pires. O Judeu Errante - a Materialidade da Lenda, *Revista Olhar*, São Carlos, UFSCAR, Ano II, n.3, maio 2000, pp. 24-30.

JUNQUEIRA, Ivan. Vinicius de Moraes: língua e linguagem poética. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp.147-165.

MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

NOVINSKY, Anita. *Inquisição: prisioneiros do Brasil. Séculos XVI-XIX*. São Paulo: Expressão e Cultura, 2002.

PALLOTINI, Renata. Vinicius de Moraes: aproximações. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp. 123-143.

PORTELLA, Eduardo. Do verso solitário ao canto coletivo. In: MORAES, Vinicius. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, pp. 143-147.

SANTANA JÚNIOR, Fernando Oliveira. A lenda cristã do mito do Judeu Errante, sua desconstrução judaica e sua recriação estética na novela de Samuel Rawet. In: *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia, EDUFU, 2011, pp. 1-17.

SANTOS, Juliana. *Vinicius de Moraes e a poesia metafísica*, 2007, (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Rosana Rodrigues da. A poesia religiosa de Vinicius de Moraes: A gênese de uma poética, *Terra roxa e outras terras*. *Revista de Estudos Literários*, Vol. 5, UNESP, 2005, pp. 87-103.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

WALDMAN, Berta. Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos. In: WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP; Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, pp. 89-100.